



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11961 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

Violência, ódio e currículo: criações nos/dos/com os cotidianos escolares

Vinícius Lírio Hozana Ferreira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ/FAPERJ

Violência, ódio e currículo: criações nos/dos/com os cotidianos escolares

Estou habituado com inúmeras narrativas que desqualificam as escolas públicas. Muitas das que ouço envolvem atos violentos, falta de respeito, casos de indisciplina e incivildade, por parte de algum estudante e, em muitas circunstâncias, essas histórias são utilizadas como base para justificar os rótulos de estudantes “bonzinhos” ou “ruins”. Eu, enquanto homem negro, tendo minha figura constantemente associada à violência, meu corpo visto como ameaçador e ameaçado, ao longo das minhas trajetórias pessoal, profissional e acadêmica, hoje, como doutorando, procuro ter uma visão teórica das expressões de violência no cotidiano escolar.

Entendo o ódio como *prática social de antioesão* (SUSSEKIND; PIMENTA; FERREIRA, 2020, p.20). Dialogo com Pinar (2012, apud SUSSEKIND 2014) e seu conceito de currículo como uma conversa complicada, uma conversa que envolve a história de vida de cada um, as concepções dos outros sobre nós e outras influências, abordo o cotidiano como uma escolha teórico metodológica que possibilita dialogar com a minha docência, criações cotidianas, examinando vestígios e investigando pistas que elegi das minhas experiências de vida.

Na escola a gente se acostuma a ver as ações de indisciplina serem associadas a determinados tipos de estudantes que são interpretados como inadequados, incapazes. Daqueles que “não vão dar em nada”, daqueles que são considerados “melhores quando faltam”, “quando dormem em sala”, ou são “ignorados”, “daqueles que no primeiro bimestre já são taxados como reprovados”. Nessa lógica limitante, o estudante indisciplinado que apresenta boas notas incomoda ainda mais, já que escapa da possibilidade de reprovação

como sinal de castigo ou necessidade de melhoria para o próximo ano letivo. Busco contrariar essa dinâmica e evitar o determinismo que constrói a relação direta entre indisciplinas e a perspectiva de futuro dos estudantes, inclusive pelo que aprendi nos relatos de Silva (2012).

Na minha perspectiva, e, nas escolas públicas em que leciono esse efetivo retorno 100% presencial, supostamente pós pandemia, trouxe um crescimento gritante das expressões de ódio e violência. Dialogando com o conceito de *Tsunami Neoliberal Global Conservador* (SUSSEKIND, 2020) e pensando para além dos muros da escola e das questões disciplinares que desafiam o conceito subjetivo de “controle” de turma, esse ódio vem sendo utilizado em discursos religiosos e políticos nas esferas municipais, estaduais e federais, construindo redes de ódio, alimentando esses discursos como armas políticas com claro intuito de manutenção de poder e habita de ódio amplificado os currículos criados nos cotidianos escolares. Considerando que *são incontáveis espaçostempos nos quais se aprendeensina, em múltiplas redes cotidianas nas quais conhecimentos são criados e trocados* (ALVES, 1999, p.111-120), e que *“os fios dessas redes de conhecimentos exibem nós de preconceitos e ódios contra quem não é seu ‘próximo’, assumindo o desejo de aniquilação do outro e de apagamento da diferença.”* (SUSSEKIND; CARMO; NASCIMENTO, 2020, p.3). Dialogando com Certeau (1994) chamo de práticas de poder/práticas de ódio toda e qualquer fala que limita a existência do outro, que prega de maneira direta ou indireta a eliminação de quem é diferente.

Nesse sentido, os casos/relatos/narrativas de racismo, misoginia, homofobia, ataques verbais, ataques físicos, além da organização de brigas dentro e fora da escola, que atualmente ocupam, majoritariamente os *tempos vagos*. Ressaltando as carências de professores, o número insuficiente de funcionários da limpeza, da cozinha, dos agentes educadores e criando, nos cotidianos, currículos de ódio.

Essas práticas de ódio e violência tem sido constantemente incentivadas, divulgadas e compartilhadas em redes sociais, com a criação de perfis de Instagram e Twitter que tem como função atacar a imagem dos outros, expor questões íntimas, gravar os momentos em que estão proferindo xingamentos, praticando bullying, brigando ou brincando de lutar e posteriormente associar a esse material juízos de valor determinando quem é mais inteligente, mais valente, mais covarde, mais burro, mais bonito, mais feio, etc. Percebo a intensidade dessa situação, com o crescente aumento da violência verbal até nas interações aparentemente amistosas e no crescente silenciamento que essa situação tem gerado nas escolas.

No período da pandemia com suspensão das aulas/adoção do sistema híbrido a escola passou a ocupar diferentes lugares, para além das ideias de cobrança e responsabilidade. Sedentarizar o professor no território do controle de comportamentos/gerência de turma, o chato, inconveniente, aquele que é uma barreira para o divertimento e curtição, com uma linguagem supostamente inadequada para o padrão vigente nas redes sociais, que oferecem entretenimentos cada vez mais efêmeros, é uma forma de demonização da classe, colocando-os numa situação de autodestruição insustentável, já que são culpabilizados pelos fracassos recorrentes nessas ações (PINAR apud SUSSEKIND, 2014, p. 94-96).

Os celulares que durante muito tempo foram terminantemente proibidos em sala, durante a pandemia tornaram-se importante recurso de aprendizagem para aqueles que tinham acesso a ferramenta. E agora? Que fazemos com eles?

Apesar da aparente incoerência das críticas ao uso de aparelho celulares na escola, levando em consideração que a maior parte da população brasileira acessa a internet através deles e durante os períodos de isolamento eles foram o principal acesso as salas de aula virtuais, é preciso que nós, estudantes e professores, possamos agir em conjunto para construir melhores formas de promover interações e suprir demandas através do uso desse recurso.

Tenho interpretado que a violência da sociedade que habita e afeta o cotidiano escolar, por vezes impacta negativamente as noções de empatia e pertencimento, dificultando a construção de relacionamento entre os estudantes, professores, equipe diretiva e demais trabalhadores da educação, que povoam as escolas, mas não se enredam como comunidades escolares. Houve uma grande preocupação com os estudantes nesse retorno efetivo as aulas, que não foi a mesma com os professores, passando a falsa impressão de que enfrentamos bem essas ondas gigantescas e vindas de passados coloniais, escravistas de ódio e as manifestações, cada vez mais expressas, da *necropolítica* (MBEMBE, 2016) e da *demonização dos professores* (PINAR *apud* SUSSEKIND, 2014). Vivemos um período de muita apreensão, altos níveis de estresse, pouca saúde mental, vários colegas com afastamento por motivos de saúde, e as conversas sobre cansaço e desejo de férias que geralmente enchem a sala dos professores no final do 4º bimestre, se fizeram presentes desde o mês de março de 2022. Acredito que políticas /reformas malévolas (SUSSEKIND, 2019) que se alimentam de soluções impossíveis, pregam resultados intangíveis legitimam manifestações de violência como parte do currículo dessas escolas em que vivo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, N. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. O sentido da escola. Rio de Janeiro: D, P & A, 1999. p. 111- 120.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- MBEMBE, A. Necropolítica. In Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufRJ | n. 32 | dezembro 2016
- SILVA, R.T. Escola-Favela e Favela-Escola: "esse menino não tem jeito!". Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii: Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.
- SUSSEKIND, M. L. Quem é... William F. Pinar? Petrópolis, Rio de Janeiro. De Petrus et Alii, 2014.
- SUSSEKIND, M.L; CARMO, L.A. do; NASCIMENTO, S.L. do. “Alfinetar’: currículos,

ódios e gêneros”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 3, e71684, 2020.

SUSSEKIND, M.L., PIMENTA, A. e FERREIRA, D.A. DA BANALIDADE DO ÓDIO:

a escuridão do espelho em que nos miramos. Revista Communitas V4, N7 (Jan-Jun - 2020):
Black Mirror e Educação.